ANO IV

N.º 176

EVOLUÇÃO

Propriedade do Centro Republicano Evolucionista 31 de Janeiro

ASSINATURAS

Ano, 1 esc.; semestre, 50 cent.; *Para fóra*: Ano, 1$20; semestre, 50 cent.; avulso, 2 cent. *Para o Brazil*: ano 2 esc. (moeda forte). Pagamento adiantado

Redação e administração

R. A. Candido dos Reis, 44, 1.º-ALDEGALEGA

Director-ANTONIO RODRIGUES CALEIRO

Editor-HORACIO DE CAMPOS VALENTE

ALDEGALEGA

Domingo, 8 de Abril de 1917

ANUNCIOS

Anuncios: 1.ª publicação, 4 cent. a linha; nas seguintes, 2 cent. Anuncios na 4.ª página dependem de ajuste.

Os originaes nunca serão restituidos, embora não sejam publicados

Composição e impressão

R. A. Candido dos Reis, 44, 1.º-ALDEGALEGA

BIBLIOTECA MUNICIPAL VILA DE ALDEGALEGA

HEROICIDADE ALEMÃ

(Do «Clarão dos Obuses»)

«Eu as vi...»

E o meu amigo deixando tombar o testemunho pungente, evocando a pavida scena assistida, cerrara as palpebras, num *rictus* de horror, num arrepio convulsivo de indignação.

Viera de uma viagem á Civilisação. Chegará. Chegara havia pouco das ribas do Tamisa. E quando em visita, o procurava em movimento cordeal de boas-vindas, no terraço amplo de sua pitoresca vivenda suburbana, na visinhança vegetal das ramagens largas das arvores pejadas de frutos, haurindo o aroma dos pomos sazonados, sob a quietude da noute recemcahida, a nossa palestra resvalou instintivamente para as coisas da grande guerra, para esse assunto que os meses volvidos não logram roubar o muito de palpitante que contem.

Todas as considerações de estrategia bebidas nos jornaes lidos, toda a permuta de impressões, de modos de ver, conjugados num sentimento de apoio á causa humana dos aliados toda a mésse de aspectos que o meu amigo trazia recentes, flagrantes dos scenarios e motivos das metropoles aguerridas, haviam entredeliciada nossa loquacidade, quando ferimos de rijo, pesar do asco experimentado as crueldades dos invasores.

Até então, por muito que me autorisassem as destruições dos palacios medievos, bibliotecas seculares e o bombardeio de catedraes primorosas, ainda vacilava em acreditar de todo nesses telegramas inauditos falando de mulheres de seios decepados e creanças com as mãos acutiladas.

Tanto de horror, de espantoso, de barbaro, havia nessas atrocidades, que me fazia fremir de odio em dal-as como consumadas. Causava pejo, repugnancia, deshonra mesmo admitil-as.

Uma lenda cruel em outros actos de depravação, vistos. Um requinte de malvadez um expoente de torturas, creadas para simbolisar o atentado maximo contra um povo heroico. Pensei, ás vezes, assim.

Disse-o desta forma ao meu amigo.

E ele, contrafeito pela visão cruenta, macabra rompeu a minha derradeira ilusão nessa guerra atroz:

«Eu as vi...»

Velou as pupilas dilatadas pelo terror; quando as desvendou de novo, tremendo nos labios os vocabulos, concluiu rapidamente, numa vertigem de frases, como sentindo o horrendo da narração a poluir-lhe a alma:

«Eu as vi, sim, meu amigo. Tive esta provança tremenda na existencia. Quiz, porém, me certificar para eterno repudiu desses que o fizeram.

*

Eu vi creancinhas com os braciitos mutilados, agitando os pulsos amputados, estendendo-os para nós como que a mostrar o ultrage supremo. Eu as vi...

O testemunho abatéra-me de todo. Os batimentos do coração alteraram-se na sua isochronia. Silenciámos.

Fóra das ramagens farfalhavam. Luarentas, brancuras pelas franças. Havia uma dulçurosa paz ambiente.

E foi quando perturbando os nossos pensamentos dolorosos, veiu do interior da linda vivenda, a filhinha do meu amigo, ruidosa, chilriando risos, a bater palmas com as mãosinhas setinosas!

Nos tremiamos a evocar os pequenitos golpeados, arvoresinhas humanas que crescerão assim aleijadas, taladas pelos gumes das baionetas sinistras, mostrando ás gerações porvindouras o martirio de uma nacionalidade que teve a altivez patriotica de opor a muralha de seus filhos á arrogancia do invasor, desse invasor que faz das mãositas das creanças — leques roseos de carinhos — sangrentos trofeus de guerra...

Mario Sette.

Tumultos no Samouco

Vinte e duas sacas de farinha de trigo, pagas pelos padeiros do Samouco e com auctorisação do sr. Governador Civil para lá remetidas e distribuidas são arrancadas violentamente pela força publica.

A HISTORIA VERDADEIRA DOS FACTOS

Porque os factos revestiam uma relativa gravidade procuramos com o testemunho insuspeito de honrados cidadãos, narrar os acontecimentos, inteiraudo assim os nossos presados leitores da verdade e da justiça que assiste á pacifica e trabalhadora povoação do Samouco.

E para isso procurámos indagar do principio da questão, para que a historia verdadeira dos factos se fizesse, nada se deturpando e antes coloeando tudo e todos nos seus devidos logares, ficando as responsabilidades para quem de direito tiver que as assumir.

No dia trinta do passado mez de março um grupo de cidadãos do Samouco, com uma requisição de cem sacas de farinha visada pela Camara Municipal de Alcochete onde se diz ser essa farinha destinada a ser distribuida pelos padeiros do Samouco, procurou em Lisboa o sr. Governador Civil.

Sua ex.ª achando demasiada a quantidade pedida na mencionada requisição, auctorisou, para serem distribuidas pelos padeiros do Samouco, a sahida de cincoenta sacas de farinha.

Com esse documento foram ao escriptorio da firma Viuva A. J. Gomes e ahi pagaram a importaneia de seiscentos e tal escudos, assentando que um barco iria buscar a farinha, o que de facto se realisou no sabado seguinte, 31 de Março. No domingo dois vareadores da Camara de Alcochete, acompanhados por quatro praças da gnarda republicana e de duas carroças, foram ao Samoueo buscar a farinha.

Claro que em face do aparato belico que nada justificava, o povo tomado de sobresalto, indaga do que se passa e sabidas as razões, que eram nem mais nem menos do que ir buscar a farinha vinda na vespera, paga pelo Samouco e para la ser consumida, opoz-se a que a farinha sahisse, gesto que não merece censura e antes o nosso louvor atendendo a grave crise que atravessamos, sabendo se além d'isso que a Alcochete tinham chegado quatro dias antes cem sacas de farinha.

Tratava-se, pois, d'um méro capricho, d'uma violencia inqualificavel e que o povo do Samouco repeliu com energia, mas prudentemente.

Em face desta atitude todos se retiraram para Alcochete e o assumpto pareceu ficar liquidado.

Pelas vinte e quatro horas d'essa noite de domingo o administrador d'Alcochete, Francisco Rafael Rodrigues, entrou no Samouco e afirmam-nos, proferiu frases de desafio e procurou abordar o assumpto que de manhã se tinha debatido, estando tambem nós informados que ao posto da guarda republicana desta vila tinha sido requisitada força naturalmente, para assim, pela violencia, serem retiradas as sacas de farinha, que o povo do Samouco pagará, e que lá estavam por ordem do sr. Goveruador Civil.

O povo novamente informado do que se passa juntou-se em grande numero em frente da casa do regedor, onde se encontrava o administrador e ali em altos gritos protestou legitimamente contra a extorsão que se pretendia fazer.

Mais tarde os animos serenaram e o administrador retirou para Alcochete.

Na segunda feira o dia decorreu tranquilo e todos se entregaram ás suas ocupacões habituaes, o que egualmente se deu na terça feira atè ás dez e meia da manhã.

A força de cavalaria toma em desordenada carreira... o Samouco, disparando tiros para a torre da egreja, seguida pelas praças de infanteria e muito povo de Alcochete.

A' hora acima indicada, reinava como sucede nos logares pequenos o mais completo socego, estando as mulheres preparando o almoço para as suas famillas e os homens no campo amanhando as terras.

Houve, porèm, quem visse vir pela estrada fóra, envolta em grossas nuvens de pó, a *legião* que havia de tomar *guerreiramente* o Samouco, como lá fossem encontrar um embate perigoso.

Nada, absolutamente nada!

Mulheres assustadas, creanças, chorando, e um timorato, que na torre da egreja tocava os sinos a rebate.

Pois a torre foi *bombardeada*...

Em face d'este quadro, salta-nos á mente, as paginas sangrentas da grande guerra que se desenrola na Europa, e vemos o Samonco trabalhador e ordeiro feito Belgica heroica que não podendo suportar o peso esmagador da mão ger-

DELINEANDO

XXXXVII

Valente, de nada tem medo,
Ora de noite, ora de dia,
Ou seja tarde, ou seja cêdo,
Tem sempre a mesma valentia.

«Ave» do nome o seu começo,
Boa criatura, bom rapaz,
Apezar d'um pouco travêsso
De fazer mal não é capaz.

Tem corda o final do ap'lido
Que se usa até d'algibeira,
De todos nós mui conhecido,
Grande amigo do *Secaleira*.

A. R. C.

manica ao ser tomada de assalto, se deixou por fim vencer.... Mas o Samouco nem um gesto teve para repelir a afronta, a não ser o repicar dos sinos... Mas narremos os factos:

O Samouco em estado de sitio... As mulheres não podem chegar ás portas nem permanecer na rua; os homens não podem entrar na população.

Senhores da posição *tão heroicamente* tomada, a força estabelece vedetas, não permitindo que entre quem seja na povoação e de carabina em punho intima as mulheres á meterem-se em casa.

Diga-se *de passagem*, que alguns tiros foram feitos pela guarda e quem se quizer verificar da forma como essas pontarias foram feitas, e ir ao local e verificar com essas pontarias foram feitas, é ir ao local e verificar com os seus proprios olhos.

Um honrado e tranquilo cidadão do Samouco, cujo testemunho não pudemos pôr em duvida porque nos merece toda a consideração e respeito, dirigia-se a casa montado n'um pachorrento gerico.

Intimado a retroceder, não o fez tão depressa, como o *zeloso* guarda desejava e mereceu-lhe esse gesto um tiro que o não atingiu!

Entretanto um outro homem que transportava uma canastra á entrada da povoação, e agredido á pranchada, ficando com esse profundo golpe na cabeça, que rasgando o barrete lhe interessou o couro cabeludo na parte superior da cabeça pelo que foi pensado na pharmacia Conceição d'esta villa, sendo o ferimento cosido a pontos naturaes pelo sr. Dr. Nestor Mesquita.

Foram efectuadas cinco prisões, por delictos, que longe de constituirem o menor crime, demonstram a falta de criterio de quem ordenou taes desmandos.

Este estado prolongou-se até as quatorze horas e meia aproximadamente, tendo a guarda, porque o sino da ermida do cemiterio tocou a rebate, aberto os portões do mesmo e disparado alguns tiros que por felicidade não atingiram ninguem.

Até o socego tranquilo dos mortos não foi respeitado!

Efectuam-se buscas e são por fim transportadas para as carroças, sob as ordens do administrador Penetra, as vinte e duas sacas de farinha. A Junta de Freguezia desrespeitada.

Abertas as portas da sacristia da egreja, cujas chaves foram entregues, d'ali se retiraram as vinte e sacas, depositadas pelos padeiros na vespera e sob a responsabilidade da Junta.

Nada se respeitou, nem atendeu; nem o prestigio da Junta de Freguezia, nem o bem estar do laborioso povo, a quem iam arrancar o pão, por elle pago e para elle mandaae seguir por ordem do sr. Governador Civil.

E assim, com os *trofeus da gloria* e os *despojos da batalha*, lá seguiram egualmente os prisioneiros, entre soldados da guarda republicana de carabinaã aperradas, e muito ciosos *da conquista*.

Partiu a *victoriosa caravana* que á sahida da povoação tinha para a receber grande numero de habitantes de Alcochete, sem o que o povo do Samouco=e aqui o proclamamos bem alto—tivesse para o administrador-substituto Penetra e para os soldados da guarda o mais pequeno gesto de desobediencia ou agravo.

Sublime gesto, que os nossos leitores apreciarão e que não nos compete classificar, o de se ir arrancar o pão a uma povoação que o guardava, porque era seu e porque o tinha pago, para se servir vaidades desmedidas e caprichos inqualificaveis.

Em Aldegalega n'esse dia d chegada do vapor que vem da capital, pretendem prender os membros da Comissão do Samouco que fôra a Lisboa, dois soldados da guarda ás ordens do administrador Penetra, de Alcochete sem que para isso tivesse a devida autorisação do sr. Administrador d'este concelho.

Não parou aqui a serie de violencias, ao povo do Samouco, e muito serenamente o confessamos, não atinamos sobre que criterio eles se cometeram.

Pouco antes da chegada do vapor da tarde, chegou a esta villa um carro com o administrador de Alcochete, que se fazia acompanhar de dois soldados da guarda republicana armados de carabina.

O administrador apeiou-se na Praça da Republica e o carro com as praças seguiu até á Rua das Posta, rua por onde, como sabemos, deviam passar os comissionados do Samouco. Pouco tempo se demoraram e de ali seguiram para o caes de desembarque.

Entretanto o administrador de Alcochete, que vinha munido d'um oficio, procurava fallar ao sr. Administrador de este concelho, que estava auzente n'uma diligencia.

Não desanimou porém, e sem as formalidade que estes casos requerem, dirigir-se á ponte, onde estavam os soldados e o sargento da guarda.

A noticia correu veloz e alguns populares conhecendo o que se tramava, começaram a afluir á ponte.

Chegou o vapor e o desembarque fez-se sem novidade, mas na ponte houve entre alguns commissionados do Samouco e os guardas troca de frases, opondo-se o povo de Aldegalega a que se fizessem prisões.

O proposito havia-o de facto, afirmam nos e demonstra-se com a presença do administrador de Alcochete e os guardas armados.

O povo de Aldegalega não tolerou, n'uma atitude que muito o honra, que a arbitrariedade fosse levada ao fim, colocando-se ao lado da Comissão do Samouco, e acompanhando-a em alegre e ordeira confraternisação até a sua localidade.

O administrador de Alcochete retirava cabisbaixo e impune porque, para tal proceder devia estar munido da respectiva autorisação do sr. Administrador d'este concelho, a não ser que supuzesse que isto era tambem terra... conquistada.

Quando na terça feira á noite chegaram ao Samouco os populares que de aqui acompanharam a Comissão, houve entusiasticas manifestações de amizade.

Assentou-se por ultimo que no dia seguinte o Samouco, em peso se dirigisse aqui a aguardar os presos, que deviam dentro do praso legal, ser remetidos para juizo e ahi, junto dos magistrados fazer as diligencias necessarias para a sua soltura.

Assim se fez e só os invalidos e as pessoas absolutamente impossibilitados. deixaram de tomar parte no grande gesto de solidariedade para com os seus concidadãos presos.

O tempo esteve bastante chuvoso mas nada impediu, que todos percorressem a pé a distancia que nos separa.

Chegadoa aqui foram muito amavelmente recolhidos nas salas da Sociedade 1.º de Dezembro, gentilmente cedidas pela digna direcção.

As tres horas da tarde partiu para Alcochete o ilustre advogado d'esta Comarca e filho d'esta terra Dr. Luciano Tavares Móra a quem uma comissão delegada do povo do Samouco incumbira de de tratar do assumpto e chegado lá conseguiu que os presos. viessem remetidos para juizo, tendo aqui chegado ás sete horas.

Os presos, vieram acompanhados apenas por sua ex.ª e o oficial, sendo recebidos pelo povo que em grande massa os esperava em frente e no atrio do tribunal, com legitima e manifesta alegria:

O digno juiz substituto Dr. Henrique Pinto da Mota, fez dentro dos limites da justiça, que os presos fossem afiançados pelo sr. Francisco Freire Caria Junior na quantia de um conto de rèis, e postos em liberdade.

Eram dez horas da noite.

O povo do Samouco, com inumeros populares d'esta vila, irromperam n'uma manifestacão de alegria sendo levantados vivas ao digno presidente do Tribunal, Dr. Luciano Móra. Francisco Caria etc.

A manifestação que revestiu um cunho que bastante nos semibilisou repetiu-se pelas principaes ruas da villa, em frente da Camara Municipal onde o sr. Presidente da Camara, falando das janelas convidou a subir o povo do Samouco e o povo d'esta vila e depois de afectuosas trocas de cumprimentos todos se retiraram na melhor ordem, acompanhando o povo d'esta villa o do Samouco até á estrada.

Assim findou a bela jornada onde mais uma vez se evidenciaram as excellentes relações que unem desde longa data os povos do Samouco e Aldegalega.

O povo do Samouco fortemente agravado no seu brio, teve o anima-lo o povo de Aldegalega sempre prompto a punir pelas regalias dos oprimidos.

* * *

O sr. Governador Civil substituto, manda entregar ao povo do Samouco as vinte e duas sacas de farinha, e por intermedio das autoridades de Alcochete.

Começa a ser feita justiça.

Da conferencia que se realisou na quinta feira entre o sr. Governador Civil substituto e Junta de Freguezia e Comissão delegada do povo do Samouco, que foram apresentadas pelo deputado d'este circulo nosso valioso correligionario sr. Alfredo Soares, a que por méro acaso assistiu, pois já lá se encontrava, o administrador Penetra de Alcochete, ficou assente que logo que a Alcochete chegassem as sacas de farinha cedidas para lá, o administrador remeteria as vinte e duas imediatamente para o Samouco.

Começa assim a ser feita justiça.

NOTAS SOLTAS

Ignoramos de que *crime* eram acusados os membros da junto de Freguezia e os restantes cidadãos do Samouco, que aqui desembarcaram na terça feira o que estiveram prestes a ser presos...

* * *

Os presos são acusados, dizem nos de tocar os sinos um; outro de estar a olhar para a terre quando os sinos tangiam; outro porque passava junto da taipa do cemiterio quando o sino se fazia ouvir ainda outro quando entrava para sua casa; e o ultimo por egual *crime* de que os seus companheiros são acusados.

* * *

Alguns amigos nossos do Samouco, manifestaram o ardente desejo de que a sua freguezia fosse anexada ao Concelho de Aldegalega.

* * *

A Camara de Alcochete ainda deve ao Samouco vinte sacas de milho cedidas á tempo, quando a falta de pão se fez sentir com intensidade.

* * *

O espirito conciliador, do devotado patriota e republicano Francisco Rafael Rodrigues, administrador democratico foi, dizemos, a causa inicial ou o factor maximo das graves dissidencias havidas com o povo do Samouco porque respeitando-se, como competia a quem está á frente d'um concelho, a boa harmonia entre os administrados, não se tinham dado estas dissidencias que grandes transtornos podem causar ao concelho de Alcochete. Este administrador é tambem .... padeiro.

* * *

E' falso que o povo do Samouco, não é ocioso repeti-lo, recebeu a guarda em atitude de hostilidade, e por isso nada justifica o emprego da força.

As suas boas qualidades de gente trabalhadora e ordeira mais uma vez foram postas á prova, revelando-se assim o seu caracter de gente que só vive para o trabalho e para os seus.

* * *

A narração que deixamos acima transcripta é uma exposição fiel da forma como os factos se desenrolaram.

A'LERTA!

Não somos nòs que o dizemos, é «O Domingo» um dos orgãos defensores da camara.

Se fossemos nos que o dissessemos com certeza que eramos logo enforcados.

Diz esse orgão que a camara sacrificou *mil e tantos escudos com o talho; mas no pão, tem a certeza que vai, dentro em pouco recompensar esse prejuizo.*

Não resta duvida, a camara dispendeu mil e tantos escudos, diz «ele» em proveito de quem consumia a carne; agora vai arrancar ao consumidor do pão esse dispendio. A camara municipalisou uma padaria não para beneficiar as classes pobres sim para lhes arrancar em *pouco tempo* mil e tantos escudos que foram dispendidos por muitos mezes em *beneficio* de quem podia comer carne. Já não são só os padeiros os exploradores do povo, no dizer de «O Domingo, é tambem a camara e a comissão de subsistencias.

E' tal a vontade de dizer mal e tal a cegueira de indispor, que não vê que vai bater nos seus.

Agora só falta saber se a camara se cala a essas caluniosas afirmações. Por muito menos já nos quiz cortar a cabeça mas com isto não queremos dizer que temos desejos que persiga alguem, basta só para castigo que torne publico que o que diz «O Domingo é uma pura mentira;

de contrario ficaremos autorisados a dizer que o povo está sendo explorado em vez de beneficiado pela camara.

Não largaremos este assunto emquanto o publico não estiver verdadeiramente ilucidado da verdade.

Tambem fazemos porte da comissão de subsistencias e não queremos que mais tarde se diga que foi tambem com o nosso consentimento que a camara explorou o povo em troca de prejuizos, de que não tivemos absolutamente nenhuma interferencia.

Esperaremos.

Pelos campos

O aspecto prometedor das searás nesta região representou sómente uma esperança de boa colheita. Agora essa esperança desappareceu; os gelos continuados teem derrotado quasi por completo todas as searas. As vinhas que já se achavam rebentadas tambem sofreram um enorme prejuizo é para a proxima colheita das uvas, como tambem não ha varas para o ano imediato.

Quem tiver vinho por vender e que se possa segurar, não tenha receio do preço porque o armazenista espera sempre pela amostra do ano nova para saber regular os saus empates.

Tambem é de supor a escassez das frutas porque os arvoredes em flor tambem sofrera grande queima.

A Agricola

Dos srs. Palha & Monteiro, Limitada, de Lisboa, recebemos uma circular da formação de sociadade que bastante util se torna á nossa agricultura.

A Agricola oferece grandes vantagens tanto aos pequenos como grandes agricultores, procurando da melhor forma desenvolver e aperfeiçoar a agricultura, buscando para si compra, venda e seguros etc.

A sede da agricola é na rua Eugenio dos Santos n.º 46, 1.º Lísboa, para quem precisar de todos os esclarecimento e informações.

Para advinhar

No quarto sempre metida
A contemplar todo o mundo,
Ora inteiro, ora partida,
Não falta nem um segundo.

Em moradia muito alta,
Onde não podeis chegar,
Ela lá istá. Nada falta,
Já podeis advinhar.

C.

Vendem-se

Um predio com altos e baixos, horta, poço, adega e lagariça numeros 16 a 20. situado na Praça, 1.º de Maio.

Outra na Rua Almirante Candido dos Reis, com altos e baixos, numeros 19 a 23.

Outro no Largo da Igreja com altos e baixos, numeros 13 e 14.

Outro na Praça da Republica, numeros 13 e 14 e Bêco do Forte, numero 19 com altos e baixos.

Para tratar com Ladislau Durão de Sá, Avenida das Cortes, 52, 2.º —Lisboa.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito d'esta Comarca e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação do annuncio, citando os interessados incertos para na segunda audiencia posterior ao prazo dos editos virem acusar a citação contestando querendo no prazo legal o pedido na justificação para habilitação requerida por Luiza Maria Dias da Costa Correia e Maria Luiza Dias Costa Ameida, viuvas, moradoras na Villa da Moita d'esta Comarca, as quaes pretendem habilitar-se como legatarias e unicas e universaes herdeiras de sua irmã Anna Joaquina Dias da Costa, falecida no dia 7 de Maio de mil novecentos e sete na rua da Praia da Villa da Moita, no estado de solteira sem descendentes nem ascendente. Que a justificada era filha legitima de João da Costa Ratão e de Anna Joaquina Dias Costa, que residiram na mesma Villa e paes das justificantes. Que as justificantes Luiza e Maria, são ambas viuvas, a primeira de Joaquim Correia e a segunda de Manoel Francisco d'Almeida. Que a justificada deixou testamento no qual deixou á justificante Luiza Maria Dias Costa Correia o usufruto vitalicio de uma casa sita na Travessa da Ferreirinha da Villa da Moita, e o usufruto vitalicio de uma outra casa sita na rua direita do Rozario, da mesma Villa; e á justificante Maria Luiza Dias Costa d'Almeida, os seguintes legados: A propriedade e o usufruto de uma casa sita na rua Conde Ferreira, e de dois foros no Alto de São Sebastião da mesma Villa e instituio a justificada no mesmo testamento como suas unicas e universães herdeiras e em partes eguaes as duas justificantes. Declara-se que as audiencias n'este juizo teem logar ás segundas e quintas feiras de cada semana pelas dez horas do tribunal judicial d'esta Comarca sito na rua do Caes d'esta Villa não sendo aquelles dias feriados ou considerados descanço. Aldeia Gallega do Ribatejo 26 de Março de 1917.

O Escrivão do 2. Oficio,

Antonio Lourenço Gonçalves

O Juiz de Direito

Rocha Aguiam.

AGUA DO ALARDO

LOJA DO FREDERICO

VENDE-SE

Em segunda mão um engenho de ferro, completo, com as respétivas pedras de cantaria.

Diz-se na mercearia Salgado — Aldegalega.

VENDE-SE

Palha enfardada ou a granel para gado, palha para cama de gado, cepa ás porções de 15 quilos

Em casa de Francisco Relogio ou armazem do Calleiro na Rua das Taipas.

Tripa de porco salgada

VENDE

J. Soares

Batata para semente

Qualidade muito fina. VENDE José Soares Rua do Caes, 22 e 24 —Aldegalega.

FIGO

Destilado, encontra-se á venda desde Janeiro em diante na fábrica de alcool de GREGORIO GIL.

CALÇADO BARATO!!

Fabrico manual só nos GRANDES ARMAZENS DE CALÇADO, Rua da Palma, 290 a 290-B. Travessa do Bemformoso, 4 a 18 (em frente do Coliseu de Lisboa). Telefone: NORTE 1:289.

BOTAS PARA HOMEM

Botas de calf preto, 3$40.
» em fôrma americana, 4$00.
» 1.ª qualidade, 4$50.
» 2 solas, 4$80,
» em pelica com canos de fantazia, 5$00.
» em verniz e pelica ou canos de pano, 5$50.
» calf de côr, fôrma americana, 4$50
» calf de côr, com pano, 5$00.
» em pelica, 5$00.
» em pelica, canos de pano, 5$500

SAPATOS PARA SENHORA

Sapatos em cordovão, 1$40.
» em pelica, 2$50
» em calf, 2$80
» em pelica (Carlos IX), 3$50,
» em pelica 1.ª (Carlos IX), 4$00.
Botas em pelica, 5$00.
» em pelica e verniz, 6$00.
» de côr. 6$00.

Um colossal sortimento em todos os generos

Para homem, senhora e creança

Enviam-se encomendas para a provincia contra reembolso

J. A. CANDEIAS

Telefone 2256-c

ESTABELECIMENTO HORTICOLO

Sementes nacionaes e extrangeiras para horta-, jardins e pastos

Preços especiaes para grandes culturas e revendedores

Importação e exportação directas

ADUBOS
INSECTICIDAS E UTENSILIOS

Grande variedade em plantas de estufa e ar livre

Viveiros:

Q.ta S.to Antonio do Pinheiro

(ás Laranjeiras)

Enviam-se catálogos ilustrados grátis.

Formicida "ROSELÉNE"

mata **baratas** **moscas** **e formigas**

O melhor preparado até hoje conhecido para a rápida e absoluta destruição das moscas, baratas e formigas

PREÇO, 20 CENT.

DEPOSITO GERAL: Farmacia **Giraldes** — Aldegalega do Ribatejo

E vende em todas as boas farmacias e drogarias

Mercearia Progresso

— DE —

JOZE SOARES

Artigos Diversos

Especialidade em chás e cafés, vinhos finos e do Porto, cognac, genebra, licôres nacionaes e extrangeiros

22 — Rua do Caes — 24

Aldegalega

Oficina de Tanoeiro

— DE —

Augusto José Rodrigues Junior

Encarrega-se de todos os serviços concernentes á sua arte Compra e vende vasilhame usado.

Largo da Feira, 23

ALDEGALEGA

Tipografia POPULAR

N'esta tipografia executa-se qualquer encomenda com a maior nitidez e perfeição, assim como:

DIPLOMAS, CIRCULARES, EDITAES,
AVISOS, PROGRAMAS, FACTURAS BILHETES DE ESTABELECIMENTOS,
PROSPECTOS, POSTAES, RECIBOS, ENVELOPES E PAPEL TIMBRADO, CARTAS FÚNEBRES,
MEMORANDUNS, BILHETES PARA RIFAS, IMPRESSOS PARA REPARTIÇÕES DE FINANÇAS, JUIZO, CAMARAS MUNICIPAES E TODOS OS TRABALHOS DE LUXO

Executa qualquer modelo á vontade do freguez

Encarrega-se da composição e impressão de jornaes

Fornèce todos os trabalhos pèlos mesmos preços porque os fornecem as suas congèneres de Lisbôa

CARTÕES DE VISITA

DESDE 20 CENTAVOS O CENTO

R. ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, 44—1.º

Aldegalega do Ribateja

Manuel Henrique Monteiro

Encarrega-se de todos os trabalhos da industria de carruagens

ALDEGALEGA

ESTEVAO AUGUSTO NUNES

SUCESSOR DE

Miguel Augusto Nunes

Casa fundada em 1867

FABRICA DE PAO

Deposito de tabacos, farinhas e azeites

ESTANCIA DE MADEIRAS
DROGAS E OUTROS ARTIGOS

15, 16, 17,

LARGO DR. MIGUEL BOMBARDA

18, 19, 20

Alcochete

Feijão carrapato

até 300 litros vende FRANCISCO MANHOSO IÇA—Rua do Quartel.—Aldegalega.

LIVRARIA

VENTURA ABRANTES

80 -- Rua do Alecrim -- 82

LISBOA

Casa premiada na exposição nacional das artes graficas
— 1913 —

Especialidade em trabalhos
—≡ TIPOGRAFICOS

Agente exclusivo dos figurinos
« A MODA IDEAL DE PARIS »
a $15 cent.

Vende-se feijão carrapato para semente a 1$50 cada alqueire. Trata-se com Allino Bruno—Aldegalega.

VENDE-SE

Uma morada de casas na rua Magalhães Lima, 67. Trata-se com José Maria Iça—Aldegalega.

Borras e sarros

Gregorio Gil com fábrica de distilação, previne aos ex.mos lavradores e demais pessoas interessadas, que compra qualquer quantidade de SARROS, BORRAS ESPREMIDAS E SECAS E EM ESPECIAL BORRAS EM LIQUIDO por preços muito elevados e pede para não ligarem negocio com outros sem antes consultar os seus preços.

Francisco Cezar de Faria

Faz desenhos para construções civis, fiscalisação de obras, orçamentos e empreitadas

Em Aldegalega: Sinfronio Fernandes de Carvalho & C.ª, Praça da Republica.

Em Setubal: Avenida Todí, 209—1.º.

"EVOLUÇÃO,,

Propriedáde do Centro Republicano Evolucionista 31 de Janeiro